

OPSOMMER, Evelien. Resenha de: REISS, Tom. *Conde Negro: glória, revolução, traição e o verdadeiro conde de Monte Cristo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 495p. Data da resenha: janeiro de 2025. 5 pág.

Evelien Opsommer é belga-brasileira. Historiadora Mestre pela Sorbonne Paris-IV e Professora de História e de Relações Internacionais na Multivix de Vitória (ES, Brasil).

O livro *Conde Negro* é indicado para quem quer ler sobre a História do início da Era Contemporânea (que começa a partir de 1789) através da vida real do G^{ral}. Alexandre Dumas, nascido em 1763 e morto em 1806. É, pois, a biografia de um homem mestiço oriundo da então colônia francesa da Ilha de Santo Domingo no Caribe (atual Haiti), que aderiu à Revolução francesa na França, sobreviveu por pouco a seu Terror, participou de campanhas militares francesas na década de 1790 e faleceu no início da Era napoleônica.

O autor, americano, Tom Reiss, resgata o percurso atípico de um “haitiano”/francês: Alexandre Dumas era filho de Antoine Alexandre de l’Isle, o Marquês de Pailleterie, um nobre que, buscando fortuna em *Saint Domingue*, teve o menino com uma escrava negra. Dumas, filho de um marquês e de uma escrava, vinha ao mesmo tempo do extrato mais alto e mais baixo da sociedade. Por sua vez, instalado em Villers-Cotterêts, será o pai, junto com uma moça *normande*, do também mestiço, o futuro escritor Alexandre Dumas (1802-1870), autor francês célebre de *O conde Monte Cristo* (1844) e *Os três mosqueteiros* (1844).

A obra acompanha a vida de Alex. Dumas (1763-1806), levado jovem por seu pai nobre para viver em Paris, mas que, após uma desavença com o mesmo, rejeitou seu sobrenome, assim como seu título de nobreza. Na véspera da Revolução francesa, se alistou no exército francês na patente mais baixa, adotando o nome Dumas, de sua mãe, nos documentos de recrutamento. Chamou a atenção no Exército quando, humilde cabo, capturou sem ajuda doze inimigos. Sua conduta brilhante, fisionomia viril e estatura extraordinária asseguraram-lhe rápida promoção; e sua estrela subiu: Dumas se tornou, em 1794, general aos 31 anos. Homem de convicção, guerreiro renomado por sua força e habilidade com a espada, chegou a comandar 50 mil homens, mas acabou perdendo prestígio devido à sua insolência.

O pano de fundo da história de Dumas se divide em cinco grandes partes cronológicas:

1. A época anterior à Revolução francesa, com explicações sobre todo o século XVIII;
2. A Revolução francesa e o período imediato pós-Revolução francesa (1789-set.1792);
3. O período do governo “republicano” da Convenção, a guerra, a hiperinflação e o Terror;
4. A fase do Diretório (1795-1799) e a ascensão de Napoleão em meio às guerras externas;
5. O golpe de Estado de Napoleão e o governo do Consulado (fim de 1799-1804).

Vamos às partes cronológicas em maior detalhe:

No período anterior à Revolução francesa (antes de 1789), o autor explica todo o contexto histórico do século XVIII, o endividamento estrutural da França já no início do reinado de Luís XV (1722-1774), agravando-se a ponto do país estar virtualmente falido na véspera da Revolução francesa. A nobreza francesa possuía títulos que perderam valor, então Antoine de l'Isle foi buscar oportunidade (1738) na colônia francesa correspondente ao futuro Haiti, a maior fábrica francesa de açúcar, onde “*o plantio de cana-de-açúcar era o comércio petrolífero do século XVIII*”. Em 1698, a Ilha de Hispaniola fora dividida entre St-Domingue da França (atual Haiti) e Santo Domingo da Espanha (atual República Dominicana), então St. Domingue era a fronteira do Velho Oeste para o *Ancien Régime*.

Foi nessa colônia mais valiosa do mundo para a França, cuja linha de produção era mantida em funcionamento incessante por milhares de escravos, onde sua riqueza era sustentada por uma brutalidade espantosa, que A. Dumas nasceu (1762), fruto de um relacionamento inter-racial. Levado para a França (1776), Dumas cresceu em um clima bem diferente: apesar de o regime tentar regulamentar com leis raciais a presença dos negros no país, por outro lado, os filósofos do Iluminismo usavam a escravidão como símbolo da opressão humana, escravos conquistavam a liberdade em tribunais e negros ascendiam socialmente.

Instalado em Paris (1784), Dumas se alistou no Exército (1786). A França estava à beira da bancarrota financeira. O Rei Luís XVI estava preparando uma

reforma tributária que propunha aumentar os impostos e retirar os antigos privilégios que protegiam a aristocracia das taxas. A Revolução francesa foi assim deflagrada por uma revolta contra os impostos, copiando a norte-americana (1776-1787). A França fora “*ironicamente, o principal patrocinador da insurgência e da revolução anti-monarquista no mundo*” (1778) para “*dar o troco na Inglaterra pela humilhante derrota francesa na Guerra dos Sete Anos (1756-1763) e conseqüente perda da América do Norte*”. O autor faz uma rica análise geopolítica ao “*observar que tanto os patriotas da Nova Inglaterra como os membros da nobreza francesa sentiam-se sobretaxados e sub-representados*”, apontando para um “*paradoxo*” já que os nobres franceses eram sub-tributados e super-‘representados’ no Antigo Regime.

Todo o rolo compressor da Revolução francesa é exposto pelo autor de forma cronológica e didática: a Jornada das Telhas em Grenoble (junho/1788), a falta de comida e o povo culpando os cofres vazios pelas frivolidades da aristocracia e da rainha austríaca, a convocação dos Estados Gerais (agosto/1788), a compilação de cadernos de queixas, a abertura dos Estados Gerais (maio/1789), as discussões sobre a duplicação do Terceiro Estado e representatividade da estrutura política do Antigo Regime, a auto-declaração de uma Assembléia nacional (20 de junho), os tumultos pelo pão, a tomada da Bastilha (14 de julho), a adesão dos guardas franceses à Revolução e o nascimento da *cocarde tricolore*.

Na parte referente ao pós-Revolução francesa (1789-1792) o livro destaca a inicial baderna, a desordem, a penúria e a fome. O autor chama a proclamação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (DDHC) pela Assembléia nacional constituinte e conseqüente abolição do feudalismo (4 de agosto) de “*apoteose dos princípios iluministas*”; ainda que reconheça que isso acabou desencadeando o ‘Grande Medo’; daí Dumas ter sido enviado a Villers-Cotterêts para assegurar a ordem na região. Após a marcha de uma multidão rumo a Versalhes (5-6 de out.) e o episódio no Balcão, os reis são transferidos para Tulherías em Paris tornando-se ‘*monarcas do povo*’. A Assembléia com mil deputados se instala no Manège; começa a divisão entre ‘direita’ e ‘esquerda’. Inflamados debates tomaram conta da França. Na “democracia” francesa, rugiam conversas ferozes e idealistas sobre como impor ideais universais e de justiça na sociedade. Na *Fête de La Fédération* no Campo de Marte em 14 de julho de 1790 pelo 1º ano de aniversário da

Revolução, Luís XVI se tornou o '*Rei dos franceses*'. A revolução parecia tornar-se realidade...

Enquanto isso, milhares de aristocratas tomavam o caminho da emigração, instalando-se nos estados monárquicos vizinhos. O irmão de Luís XVI se refugiou no Piemonte-Sardenha. Todos, Prússia, Rússia, Espanha, acolhiam *émigrés*, mas não iniciavam um ataque à França. A Áustria, país do sogro de Luís XVI, se recusava a atacar a França. A arquirrival da França, a Inglaterra, tampouco estava inclinada a ajudar os Bourbons; com exceção dos políticos da esquerda nascente inglesa que expressavam louvor pela Revolução, no geral, os ingleses demonstravam indisfarçado menosprezo pela provação de Luís XVI.

Sem auxílio externo, a família real tenta uma fuga rumo à Bélgica (junho de 1791), mas foi descoberta. O governo inventou uma história para ocultar o verdadeiro motivo da fuga: a de que a família real fora seqüestrada por contrarrevolucionários. O país ainda não estava pronto para repudiá-la, mas nascia uma oposição à monarquia, à imagem do protesto no Campo de Marte pelo 2º ano da Revolução (julho/1791), repreendida pelas forças policiais. O autor aponta que a violência de 1791 seria ofuscada pela futura matança revolucionária... O fato é que uma coalizão de potências monárquicas liderada pelo imperador austríaco emitiu uma declaração ameaçando reunir as forças necessárias para vir em ajuda ao rei. Era uma ameaça débil, mas isso desencadeou mais um debate verborrágico em Paris: o da guerra preventiva e da cruzada pela liberdade universal defendida pelo (centro-direita) Brissot, e inicialmente refutada pelo (radical de esquerda) Robespierre. A França era uma terra de liberdade, e essa deveria se espalhar além de seu território. Em meio aos preparativos militares, nascia a *Marseillaise* (abril/1792) entoada pelos franceses a caminho de combater os exércitos realistas na fronteira oriental da França. Uma incursão francesa nos Países baixos austríacos, na qual Dumas participou como cabo, foi todavia repelida.

No verão de 1792, outro comunicado externo em apoio ao monarca francês despertou a ira da multidão: o palácio de Tulherías foi cercado, e a família real foi presa (10 de agosto). No front externo, em Verdun, as defesas da França desmoronaram diante da força invasora germânica (2 de set.), e um clima de anarquia se instalou em Paris com acusações de traição e violência generalizada. Os distúrbios e julgamentos sumários de rua fizeram defensores estrangeiros da

Revolução se voltar contra ela. O *Times* londrino se referiu a “*uma tirania despótica da igualização*”. Por outro lado, a invasão estrangeira também inspirou uma espécie de patriotismo nascente. Em reação a Verdun, os franceses repeliram os invasores com uma grande vitória em Valmy (20 de setembro). Eufóricos, os deputados da Assembléia nacional decretaram a dissolução do próprio órgão e convocaram eleições de novos representantes escolhidos pelo povo (não de um presidente). Essa convenção nacional imediatamente votou por abolir a monarquia – o fim de uma jornada de mais de mil anos – e declarar a França uma república. A Convenção levou Luís XVI, agora chamado de forma desdenhosa de Luís Capeto, a julgamento. Uma mínima maioria votou em favor de enviá-lo à guilhotina, inclusive seu primo o duque de Orléans, um dos nobres que tinham aderido ao radicalismo da Revolução. O Rei foi decapitado em 21 de janeiro de 1793.

A parte referente ao governo da Convenção (set.1792-julho/1794) começa lembrando que a França revolucionária antagonizara países em demasia, enfrentando o poderio marítimo da Inglaterra e o terrestre da coalizão germânica ao mesmo tempo. Foi nesse contexto que Dumas se tornou general de divisão (primavera/1793). A hiperinflação tumultuava o país. Em meio ao caos, uma tentativa de golpe militar foi frustrada; Dumas continuava fiel aos princípios revolucionários e não apoiou o general “golpista” Dumoriez. O ensaio de golpe forneceu a desculpa para o novo regime formar o Comitê de Salut Public. Essa comissão de deputados, entre eles St-Just, o “arcanjo do Terror”, almejava “proteger” a revolução da subversão doméstica e estrangeira. Logo, estariam enviando os próprios membros para a guilhotina junto com “inimigos do povo”. Várias vezes, Dumas precisou se explicar acerca de acusações vazias de “traição”, mas conseguiu se defender e sobreviver.

A missão de Dumas iria se dar agora em um mundo de neve: a França pretendia atacar a Áustria invadindo o Reino de Piemonte-Sardenha que se juntara à coalizão anti-francesa. A dificuldade da missão se devia ao fato da população piemontesa ser profundamente conservadora e contrarrevolucionária. Bravamente, Dumas conseguiu tomar o pico do Mont Cenis (maio/1793), entrando no panteão de heróis da guerra revolucionária francesa.

O “governo” de Robespierre, o algoz da Convenção, acabou com ele mesmo sendo guilhotinado (julho/1794). Instala-se um governo apoiado pela classe

burguesa e liderado por Lazare Carnot, chamado 'Diretório' (agosto/1794-dez/1799). Essa [quarta] parte é a mais longa do livro, pois foi durante esse período que se deu a ascensão de Dumas. Sua 1ª missão (set/1794) foi colocar ordem no Exército do Oeste, que acabara de combater uma sangrenta rebelião realista (a favor do antigo Rei e contra a conscrição) – uma verdadeira guerra civil desde a primavera de 1793 – na Vendéia, localizada na França ocidental. Dumas ficou horrorizado com as pilhagens que viu... Em seguida, foi arrolado no Exército do Reno, que atacou Düsseldorf (set/1795) em nome da Igualdade, Liberdade e Fraternidade...

A missão seguinte foi na Itália. Dumas chegou a Milão (nov.1796) para se juntar ao Exército da Itália. É aqui que seu destino cruzou com Napoleão, então General. O ex-capitão de artilharia havia sido impactado pela fraqueza de Luís XVI e havia calculadamente se mantido distante do fanatismo jacobino embora tivesse aderido à Convenção e tivesse tomado Toulon dos realistas (fim/1793). "*Se o Ancien Régime não tivesse caído, o enérgico jovem cadete da Córsega poderia ter terminado suboficial*", diz o autor. Tanto é assim que Napoleão reprimiu, sem escrúpulos, manifestações realistas (out./1795), adquirindo respeitabilidade na Era do Diretório, governo de conchavos, corrupção e incapacidade frente à hiperinflação. Foi nesse contexto que invadiu a Itália (maio/1796), cujas cidades do Norte viviam um ressentimento *vis-à-vis* do Império austríaco, embora a maioria da população fosse conservadora e pouco entusiasta da Revolução. Ali criou repúblicas, no caso Transpadana e Cispadana, que correspondiam a um novo tipo de franquia da Revolução por meio da conquista e imposição de "taxas da liberdade"... Na entrada da região do Tirol, Napoleão sitiou a cidade italiana de Mântua, e Dumas foi responsável por perseguir os austríacos até o Brennero, o que ajudou na derrota austríaca na batalha de Rivoli (jan/1797).

Na sequência, Dumas foi arrolado em uma missão misteriosa, cuja partida se daria no sul da França, em Toulon (março/1798). Napoleão desistira de invadir sua maior rival, a Inglaterra, e desenvolveu um plano de invadir outro local, uma terra sempre cobiçada pelos europeus, rica em trigo e cheia de potencial: o Egito. Conquistando o país dos faraós, os franceses interromperiam as rotas terrestres britânicas para a Índia, a possessão inglesa mais valiosa. Bonaparte passou a sonhar com um vasto Império franco-afro-asiático estendendo-se de Argel, ao oeste,

à Índia a leste, incluindo Síria, a Mesopotâmia, a Pérsia, o reino de Cabul, tudo em nome da libertação do despotismo. E esse Império começava a caminho do Egito.

A Ilha de Malta, no meio do Mar Mediterrâneo, era moradia de descendentes de cruzados-hospitalários da Era moderna, em grande maioria oriundas de famílias nobres francesas. Quando a Assembleia Nacional francesa aboliu os impostos feudais no verão de 1789, Malta acusou o golpe. Aristocratas da Europa estavam exasperados, os de Malta arruinados. Dedicaram à Revolução francesa um ódio especial: ofereceram aliança aos inimigos da França - a Áustria, Rússia - e conspiraram com seu tradicional senhor feudal, o Reino de Nápoles, dos Bourbons. Isso propiciou à armada francesa de Napoleão a justificativa para intervir. Bonaparte invadiu Malta (maio/1798) e zarpou rumo ao Egito.

Os franceses pretendiam agora “libertar” o Egito dos “tirânicos” mamelucos, casta que comandava o país, subordinado aos Otomanos. Em julho, quatro mil soldados franceses pisaram em uma praia perto do porto de Alexandria. Dumas marchava junto a Napoleão. Venceram os beduínos facilmente, e avançaram rumo ao Cairo. Cruzando um deserto árido, soldados franceses deliraram de sede. Aqui começaram os desentendimentos entre Napoleão e Dumas, pois era insano invadir, no verão, um país com temperaturas de 40°.

Na Batalha das Pirâmides a bordo do Rio Nilo (agosto/1798), os franceses venceram vinte mil mamelucos. Mas, Napoleão não conseguia se desfazer da imagem de estar à frente de uma nação de infiéis obstinados e de malfeitores desenfreados, apesar de ter tentado se apresentar como verdadeiro “amigo” dos muçulmanos. Simultaneamente, no porto de Alexandria, transcorria a Batalha do “Nilo” entre as marinhas inglesa e francesa. Derrotando os franceses afundando navios que continham tesouros adquiridos em Malta, o Almirante Nelson acabou “salvando a Índia”. A operação egípcia da França malograva, além de ter exposto, a Dumas, toda a hipocrisia da Revolução: os mesmos franceses que se glorificavam de terem abolido a escravidão (1794), agora compravam escravos em Cairo.

Enquanto Napoleão tentava invadir a Síria, Dumas deixou o Egito em março de 1799, mas a caminho da França enfrentou problemas logísticos, então aportou no golfo de Tarento, ao sul da Itália. Até poucos meses, o Reino de Nápoles era governado pelo Rei Fernando, cuja esposa era a Rainha Maria Carolina, irmã mais velha de Maria Antonieta, a guilhotinada (out/1793). O casal odiava a Revolução

francesa. Haviam sido expulsos por uma revolta de inspiração revolucionária realizada por “patriotas liberais” em início de 1799 e uma república, apoiada pela França, fora instalada em seu lugar. Dumas presumiu estar em terra amiga, mas passou a avistar estandartes do deposto Reino de Nápoles junto à flor de lis, antiga divisa dos Bourbons, sobreposta a uma cruz – uma fusão emblemática dos dois poderes que a Revolução derrubara: a Coroa e a Igreja. Dumas tornava-se prisioneiro de guerra nas mãos de carcereiros simpáticos aos Reis de Nápoles, refugiados na Sicília.

Em meados de 1799, Napoleão voltava do Oriente Médio, pois além de derrotado pelos otomanos, ficou sabendo que no coração da revolução republicana pan-europeia, as repúblicas “irmãs” da França estavam caindo como dominós, inclusive a República Cisalpina no Norte da Itália, como a ‘Partenopeia’ em Nápoles no sul, em uma completa reversão da campanha vitoriosa de 1797. Em meio a uma nova ofensiva da coligação anti-francesa, e ao caos dentro da França, Napoleão deu um golpe no Diretório e se auto-proclamou cônsul.

O livro finaliza com o governo do Consulado (1799-1804). Em 1800, Bonaparte organiza uma nova invasão da Itália e derrota a Áustria em Marengo. A Itália era um laboratório especial de seu projeto de dominação europeia. O Rei Fernando de Nápoles subitamente viu-se como o defensor solitário contra o ressurgimento do colosso francês na Itália. Mas, durou pouco essa resistência: capitula diante do enviado francês, o G^{ral} Murat, sem lutar. Nas negociações de troca de prisioneiros, Dumas foi solto e conseguiu regressar à França em 1801. Passando por problemas financeiros e de saúde, acabou falecendo em 1806 sem o reconhecimento pelos feitos militares de Maulde, Mont Cenis, Mântua e no Cairo.

Em seus últimos anos de vida, Dumas encontrara uma França totalmente diferente: o entusiasmo com a igualdade racial tinha esvanecido. Napoleão inclusive revertera as leis anti-escravagistas e até proibira negros de serem generais. Então como uma ascensão meteórica de um homem de cor fora possível? Porque ela se insere na história do primeiro movimento pelos direitos civis do mundo. Já na década de 1750, durante reinado de Luís XV, uma geração de advogados militantes uniu-se em campanha contra um dos interesses mais poderosos da França, o lobby açucareiro colonial. Com a Revolução de 1789, o sonho de igualdade pareceu sem limites; e Dumas era e é um emblema daquela nova igualdade.

